



RISO NEGRO E IDENTIDADE¹

BLACK LAUGH AND IDENTITY

RISO NOIR ET IDENTITÉ

SONRISA NEGRA E IDENTIDAD

Kabengele Munanga²

A tomada de consciência da diferença constitui o ponto de partida de todos os discursos identitários. A matéria prima da diferença está na nossa natureza humana, ou seja, na geografia de nossos corpos, na cultura da sociedade onde nascemos e onde fomos socializados, na história dessa sociedade e em nossos comportamentos individuais e coletivos. Alguns de nossos comportamentos são inatos e outros são culturalmente adquiridos pela educação ou socialização.

Assim, o riso, como a maioria dos nossos comportamentos, tem uma dupla natureza enquanto inato por um lado e adquirido por outro lado. Naturalmente, todas as pessoas riem, mas a questão interessante que se coloca é saber se todas as pessoas e todos os grupos riem da mesma maneira. O que nos leva a pensar se essa percepção da diferença na maneira de rir pode ser considerada como um marcador identitário. Homens e mulheres, brancos, índios e negros, jovens e velhos que fazem parte do universo brasileiro riem todos da mesma maneira ou têm manifestações de risos diferenciadas?

Por á começar, afinal o que é o riso? Aparentemente um fenômeno natural corrente, banal e espontâneo, o riso, apesar de sua simplicidade aparente, esconde em seu conteúdo uma grande complexidade. O filósofo Bergson o considera como um pequeno mistério, pois quando uma pessoa ri, ela transforma de repente seu mundo interno e o do outro à sua volta. Parece uma mágica! Ou como dizem os psicólogos, a experiência confirma que o riso é uma riqueza permanente e gratuita que preserva a harmonia e faz reencontrar o equilíbrio. Como diz também Leslie Gibson: um sorriso não custa nada, mas traz muito. Enriquece os que o recebem sem empobrecer os que o dão. Só dura um instante, mas sua lembrança dura às vezes eternamente.

¹ Texto da conferência para o VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) realizado na Universidade Federal do Pará entre os dias 29 de julho a 02 de agosto de 2014.

² Professor Titular, Universidade de São Paulo.



Qual é a origem do riso? Não há convergência entre as escolas ou correntes de pensamento que se debruçaram sobre esta pergunta. Segundo a corrente evolucionista, no pensamento de Darwin, o riso teria origem em nossos longínquos parentes, os macacos. Ele não seria o apanágio da única espécie humana, pois os cães, coelhos e golfinhos teriam também sua maneira de rir. A escola evolucionista pensa que o riso entre os humanos seria uma reminiscência da reação agressiva do macaco que o faria mostrar os dentes diante de uma ameaça ou de um perigo: um sinal de defesa para controlar uma crise e assim assegurar a sobrevivência. Os defensores desta escola concluem que o riso humano seria uma “sublimação” da agressão do macaco.

Uma segunda abordagem oposta à primeira sustenta que o riso é um fenômeno tipicamente humano, confirmando o axioma de Rabelais: “o riso é próprio do homem”, ou como disse também Voltaire: “o homem é o único animal que chora ou que ri”. No entanto, questiona-se também para saber se essa especificidade humana é inata, isto é, da ordem da natureza ou adquirida, ou seja, da ordem da cultura? Se for inato, qual é a glândula, órgão ou gene do corpo que comandaria o ato de rir?

Observa-se que as formas, modalidades e causas do riso são infinitamente numerosas; evoluem no tempo e mais do que isso se diferenciam no espaço, de um grupo a outro, de um indivíduo a outro.

Quando rimos, uma associação se estabelece entre as sutilidades do cérebro e a desordem psicológica manifestada pela careta do rosto e do corpo em geral. Fourastié vê nessa associação a manifestação desconcertante do mistério do riso. A multiplicidade de teorias sobre o riso no tempo e espaço fornece a prova de sua complexidade e desafia qualquer definição. Stanislas Y. Kpognon em sua obra *Apologie du rire*, propõe alguns tipos de definições inspiradas da obra do terapeuta Robert Holden.

- O riso como reflexo induzido, isto é, um ato involuntário ou uma experiência puramente física que acontece, por exemplo, quando alguém lhe faz cócegas. Você reage em riso.
- Uma explosão de alegria e felicidade pode se manifestar pelo riso. Ao contrário de cócegas que é uma excitação física, temos neste caso uma excitação de ordem psicológica.
- Quando assistimos a um jogo de futebol, por exemplo, um gol feito pela equipe de nossa simpatia provoca alegria que pode explodir em riso coletivo dos torcedores.



Para o Dr. Rubinstein, o riso é uma resposta física involuntária a uma emoção engraçada ou divertida, o que sugere a interação complexa entre o corpo, a respiração, os músculos, o cérebro, as glândulas hormonais e o psíquico.

As pesquisas comprovam também que o riso de cada um de nós é único em seu gênero. Cada riso escreve Robert Holden, é um código próprio, uma digital do DNA que nos identifica. Ele salienta que o riso individual é caracterizado por um ritmo, um volume, uma intensidade, um espaçamento e uma duração específicos que determinam a identidade única do ser. Rimos todos diferentemente, no interior dos grupos ou “raças” e mesmo de um grupo para outro.

Neste sentido, o riso do negro, considerado como explosivo, é diferente do riso do asiático e do britânico. O riso do asiático é menos expansivo, talvez mais contido. Dir-se-ia que o asiático prefere o silêncio à palavra. O riso do britânico é caracterizado por um certo puritanismo; é um riso marcado por uma curta reserva; a reserva britânica que força o cidadão a observar um “equilíbrio” sutil entre o riso e o sério, entre a espontaneidade e o comedido.

Uma tipologia do riso ou do sorriso fornece também interessantes indicações. Tem gente que sorri somente com os lábios; outros com os olhos; ou com as sobrancelhas; com o pescoço; com as bochechas, enquanto o riso, dito do ventre, mobiliza o corpo inteiro: os músculos e o coração, a ponto de chegar até a molhar as calças. Em seu livro “*Rire pour vivre*”, Bernard Raquin distingue diversos tipos de risos correspondentes a nossas emoções de base: riso nervoso; riso quente; riso de sofrimento; riso de negação ou de recusa; riso de amor; de amizade e de prazer, etc.

- *O riso nervoso* acontece quando, por exemplo, você escapa milagrosamente de um acidente de carro com apenas leves aranhões no corpo. Você fica em estado de choque evidente e se pergunta o que aconteceu. De repente você é tomado pelo medo, começa a tremer e a rir. Este tipo de riso é um *riso nervoso* provocado pelo medo e choque emocional. O estremecimento do corpo e o riso permitem precisamente eliminar a tensão física do acontecido.
- *O riso quente* acontece, por exemplo, quando um jovem adolescente quer sair com amigos os quais seu pai considera pouco recomendáveis; ele recusa o pedido e o impede de sair. O jovem, como não pode contestar a decisão do pai, nem entrar em conflito aberto com ele, acaba exibindo uma espécie de sorriso: *o riso quente* para mascarar a raiva. Esse riso pode também intervir num contexto



em que um indivíduo ameaçado responde à agressão por um sorriso hostil. O riso de superioridade que procura dominar ou humilhar o outro, pode igualmente ser classificado na categoria do riso quente.

- *O riso do sofrimento* acontece, por exemplo, quando os funcionários de um banco assaltado são tomados como reféns. Suas vidas estão em perigo; a emoção, o medo e o sofrimento estão em estado máximo. De repente, os serviços de segurança surpreendem e salvam os funcionários reféns. Eles são libertados e a tranquilidade volta. O alívio ganha os corações e se transforma em risos entre eles. É o tipo de *riso do sofrimento*.
- *O riso de negação ou recusa* é o riso defensivo que permite suportar a carga emocional para não se deixar deprimir pelas contrariedades manifestas. O fracasso, a adversidade, uma gafe indigna do seu estatuto social, as críticas prejudiciais de um adversário político, podem desencadear *um riso de negação ou de recusa*, conhecido como riso “amarelo” para dissimular o desafio.
- *O riso de amor, amizade e prazer* é o riso dos namorados, colegas e amigos muito próximos que partilham a alegria de viver. É o riso recomendado para se manter em boa forma física e mental.

RIR OU CHORAR, RIR E CHORAR?

Às vezes, rir é fingir que não está chorando. Mas por que ocultar o choro? Na vida não há somente riso, nem apenas choro, os dois polos da nossa condição humana, emocionalmente falando. Para compreender o riso, não basta considerar apenas uma das extremidades da cadeia. É preciso considerar as duas.

Por que existimos – Qual é o sentido de nossa vida – Por que rimos – O que nos faz verdadeiramente rir – Qual é o sentido de nosso riso? São questões sobre as quais a Filosofia de todos os tempos sempre se debruçou para descodificar o enigma da vida. Do ponto de vista filosófico, o riso é a expressão de uma afeição, de uma desconveniência ou de uma degradação percebida nas pessoas ou nas coisas.

RISO E CULTURA (IDENTIDADE NEGRA)



Como já frisamos, o riso negro impressiona por sua originalidade identitária. A caricatura colonial o apresentava como uma reação epidérmica de um imbecil feliz, vestido com um turbante vermelho, dentes brancos, contente de saborear o chocolate em pó de marca “banânia”. Essa grosseira imagem do riso do negro provocou a indignação de Léopold Sédar Senghor em seu poema *Hosties Noires*. Em um dos trechos desse poema, ele ameaça rasgar a propaganda dos risos “banânia” estampada nos muros da França. O riso negro é um riso enorme, explosivo; um riso que arrasta tudo que encontra em sua passagem. É um riso todo novo, pronto para desarmar os felinos... um riso deslumbrante, tonificante, que contagia a todos inclusive os estrangeiros que não são acostumados com essa propensão. O riso negro estremece verdadeiramente o ser inteiro.

Dois níveis de análise se impõem para apreender o riso negro. Em primeiro, sua manifestação física, corporal, gráfica e seu impacto sobre a solidariedade do grupo. Em segundo a marca intelectual do riso negro tal como foi traduzido, por exemplo, entre os poetas da negritude (Senghor, Césaire, Damas e Tyrolien). O riso negro cimenta a solidariedade do grupo. Basta observá-lo nas obras de construção em nossas cidades ou quando estão pescando nos litorais ou rios. É sempre através do canto e do riso que eles buscam a força, a energia, o ativismo e a vitalidade. A sonoridade dos instrumentos, a dança e a música se aliam ao riso para a união de todos os membros do grupo que participam da festa. Observe-se que nas aldeias africanas, apesar da pobreza, os habitantes não são tristes, pois enfrentam corajosamente as condições difíceis de sua vida com um sorriso que irriga cotidianamente suas vidas.

Os efeitos terapêuticos do riso são ressaltados por todos os especialistas. Hipócrates, pai da medicina na antiguidade já dizia que “era mais fácil curar uma pessoa alegre do que uma triste”. Richard Mulcaster, médico inglês, afirma que o riso é um excelente exercício físico que ajuda os melancólicos e aos que têm o peito e mãos frios, pois o riso desloca o ar do peito produzindo calor que agita o sangue. Em 1928, James Walsh, médico americano, sustentava em seu livro que “a saúde de um indivíduo é proporcional à quantidade do seu riso”. Outro médico, Dr. William Fry, da Universidade de Stanford, descreve o riso como uma experiência holística do corpo humano na qual são solicitados os músculos, o coração, o cérebro, os nervos, os hormônios, etc. Sendo ao mesmo tempo uma resposta física e emocional, o riso estabelece um vínculo forte e natural entre o psíquico e o somático, duas entidades que interagem num movimento recíproco que beneficia um e outro, importante para a



construção e o equilíbrio humano. Diz o Dr. Henri Rubinstein que depois de rir a gente sente melhorar até a nossa pele. O riso induz ao bom humor, dá saúde e pode curar.

Os benefícios do riso em estado de estresse são também inegáveis. No plano psicológico, na medida em que o riso alimenta o otimismo, ele ajuda o indivíduo a olhar os acontecimentos e as coisas pelo lado “bom”. O humor, uma das manifestações permanentes do riso, é um potente fator antiestresse que pode contribuir em sua atenuação e até mesmo em sua eliminação. O importante é como se relacionar com os problemas que nos atormentam e nos assaltam em diferentes graus, isto é, nossa atitude mental diante dos problemas.

Escreve Bergson que “nosso riso é sempre o riso do nosso grupo” e por isso mesmo ele precisa de um eco. O escutamos bem: ele não é um som articulado, nítido e terminado; é algo que se quer prolongado e se repercute de um próximo para outro próximo; alguma coisa que começa por estilhaços e continua a rolar como um trovão na montanha. O eco do riso significa e implica a relação. Por sua natureza, o ser humano é sociologicamente um ser gregário e neste sentido o riso constitui uma verdadeira liga que favorece a permanência da identidade.

Na escala social, salienta Fourastié, o riso é o mais natural e o mais cômodo dos meios de contato entre os humanos. No interior de um grupo, o efeito do bom humor se estende do indivíduo ao conjunto; a troca de ideias é facilitada; a simpatia recíproca é facilitada; a coesão, a criatividade e a eficácia são estimuladas. Ou seja, o riso coloca fim à solidão humana. Vamos, grosso modo, reter os valores de solidariedade, de amizade e de confiança que os risonhos desenvolvem, talvez sem consciência. É difícil que as pessoas que riem juntas possam definitivamente cultivar ao mesmo tempo a violência e a agressividade, embora a ambivalência do ser humano possa também levá-lo, infelizmente, a desviar o sentido do riso.

Em reconhecimento dos efeitos positivos que o riso em sua complexidade traz aos seres humanos individual e socialmente, existem hoje na escala mundial, clubes e festivais mundiais do riso. São encontros lúdicos em espaços abertos a natureza onde homens e mulheres se encontram para praticar coletivamente o riso durante sessões organizadas sob a condução de um animador qualificado. As pessoas vêm buscar a alegria, o relaxamento, a paz e o equilíbrio do corpo e do espírito. A iniciativa partiu do médico Madan Kataria (Bombai, Índia), em 1955 e ganhou o mundo, tornando universal a existência dos clubes de riso. Há aproximadamente cinco mil clubes de riso espalhados



pela Índia, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Singapura, Malásia, Alemanha, França, Dinamarca, Suécia, Noruega, Espanha, Inglaterra, Suíça, entre outros.

E nós, africanos e nossos descendentes na diáspora que temos o riso em nossas casas, em nossos grupos, em nosso cotidiano, um riso que por suas peculiaridades levantadas nesta exposição faz parte da nossa identidade coletiva. Este riso, que além de seus aspectos inatos, foi modelado pela cultura negra e cuja resistência na diáspora é inegável. Aprendemos a rir até de nós mesmos, de nossa situação numa sociedade racista que nos violentou, humilhou e negou nossa plena humanidade, em vez de simplesmente chorar. Contamos piadas sobre nossa própria sorte e nos divertimos com elas, rindo. Aliado ao canto e à dança, o riso nos ajudou a fugir da depressão e olhar diferentemente a vida e o mundo sem, entretanto, desistir de lutar para defender nossa dignidade humana e nossos direitos numa sociedade que nos escravizou e continua a nos manter na subalternidade exclusiva.

Talvez não precisemos como os outros, criar clubes para manter vivo nosso riso fácil e gratuito que, acredito eu, modelou o riso de todos os brasileiros e todas as brasileiras independentemente de suas ascendências étnicas. Creio que o povo brasileiro, da mesma maneira que carrega a ginga africana no movimento de seus corpos, tem também um riso brasileiro que o diferencia do riso francês, chinês, japonês, inglês, etc. A tese que se coloca é tomar consciência da riqueza da identidade do nosso riso, assumi-lo sem vergonha e vivê-lo plenamente em todos seus aspectos positivos.

Com todas as contrariedades, hostilidades e barbaridades pelas quais os negros passaram na história recente da humanidade como a escravidão e a colonização, pensem nos sofrimentos psíquicos que conseguimos minimizar graças à nossa identidade risonha.

Tenho inveja do riso devastador do professor João Batista Félix e da professora Maria de Lurdes Siqueira. Infelizmente, pela minha natureza, talvez, inconscientemente influenciada pela pressão psicológica colonial, não posso rir como ele ou como ela. No entanto, meu riso não é asiático, nem inglês. Ele conserva em média as características identitárias do riso negro. Lembro-me do riso de Batista nos corredores do prédio das Ciências Sociais da USP. As paredes tremiam como que para dizer dá licença, eu também estou aqui e tenho os mesmos direitos para ocupar este lugar. Era um dos raros negros que transitavam por aqueles corredores. Imaginem se fossem dez negros com o mesmo riso! Acho que os racistas brancos iam ficar muito furiosos, pois esse nosso riso



os incomoda. Vejo a professora Maria de Lourdes Siqueira com aquele riso agudo, diria quase sarcástico, nos espaços da intelectualidade branca baiana e outros que ela frequentava. Um riso que grita forte, como o samba que pede passagem, dizendo: afastem-se, seus racistas, estou passando.

No entanto, o riso negro, embora faça parte da nossa identidade coletiva que incomoda os racistas, não foi plenamente assumido pelos negros e pelas negras que alienaram sua humanidade, alienação que começa pelo corpo e atinge a mente e os comportamentos entre os quais o riso faz parte. Essas pessoas se violentam, se reprimem, para não rir forte, como se fossem ingleses ou asiáticos. Pessoas que tem vergonha do seu riso como têm do seu corpo e do seu cabelo, e podem até sentir-se envergonhadas quando escutam risos dos outros negros. Coitadas! Elas não sabem o que estão perdendo e o que levou os membros de outras sociedades a buscar nos clubes de riso o que as culturas de suas sociedades reprimiram.

Viva o riso negro!

REFERÊNCIAS

- KPOGNON, Y. Stanislas. *Apologie du rire. Rire pour mieux se portte*. Cotonou: Star Éditions, 2007.
- FOURASTIÉ, Jean. *Le rire, suite*. Gontier Paris: Éd. Denoel, 1983.
- HOLDEN, Robert. *Laughter, the best medicine*. Thorsons: London, 1993.
- RUBINSTEIN, Henri. *Psychosomatique du rire (rie pour guerir)*. Paris: Laffon, 1993.
- RAQUIN, Bernard. *Rire pour vivre. Les bienfaits de l'humour sur notre santé et notre quotidien*. Ed. Dangles.
- JEANSON, Francis. *Significations humaines du rire*. Paris: Seuil, 1950
- MONGO-MBOUSSA, Boniface. *Le pleurer-rire des écrivains*, In: AFRICULTURES, <http://www.africultures.com>, 01/out/1998.
- BRONFMAN, Edgar. *The Fird Act, reiventing yourself after retirement*. New York: Publisher, G.P.Putnam's sons, 2002
- VINCENT, Peale. *La puissance de la pensée positive*. New York: The Randon House Publishing group, 1996.
- BERGSON, Henri. *Le rire*. Paris: Presses Universitaires de France, 195.
- ADAMS, Patch. *Quand l'humour se fait médecin*. Montréal: Les Editions Stanké, 2000.



Recebido em Janeiro de 2015
Aprovado em Maio de 2015